

BARCELOS (Vila Cova)

Vila Cova foi uma freguesia portuguesa do concelho de Barcelos, distrito de Braga. Pela reforma administrativa de 2013 foi extinta e agregada à de Feitos, formando uma nova freguesia denominada União das Freguesias de Vila Cova e Feitos. As ruínas românicas do convento do Banho distam cerca de 12 km da sede do concelho de Barcelos. Sair de Barcelos pela rua Filipa Borges e continuar pela rua de São Simão em direção à estrada N103-1. Percorrer cerca de 7 km e, na rotunda, seguir pela primeira saída. Cerca de 1 km à frente virar à direita e os vestígios do convento encontram-se do lado direito.

O convento do Banho tem uma implantação rural, isolada, rodeada de campos de cultivo e algumas habitações. A ocupação humana do lugar remonta à pré-história. Do período romano são os vestígios de uma *villa*, que foi sendo remodelada, ampliada e reconstruída nos períodos subsequentes.

A freguesia de São Salvador de Banho encontra-se documentada desde os finais do século XI, no Censual da Sé de Braga, organizado pelo bispo D. Pedro, entre 1085-1089/91. A paróquia de São Salvador de Banho era reitoria da apresentação do ordinário e a igreja paroquial do mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

Mosteiro de São Salvador de Banho

A PARÓQUIA DE *SANCTO SALVATORE DE BANIO* surge já referida no chamado Censual do bispo D. Pedro, de finais do século XI, com a obrigação de pagar um moio ao bispo.

O mosteiro de São Salvador de Banho dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho encontra-se documentado desde meados do século XII. O mosteiro de Vila Cova é mencionado num diploma pontifício do papa Calisto II, de 1120, relativo aos mosteiros incluídos dentro dos limites da diocese do Porto e copiado no Censual do Cabido do Porto. Outra referência precoce deste mosteiro data de um documento de [1156-1169] quando o prior do mosteiro, D. Lúcio, testemunha o foral que D. Afonso Henriques outorgou à vila de Barcelos. Em finais do século XII, mais concretamente em 1198, D. Martinho Pires, prior do mosteiro, vendeu a Lourenço Fernandes um casal em Varzim.

Mário Barroca identificou três epígrafes associadas ao mosteiro de Banho. À primeira atribuiu a data crítica de [1184-1234]. Trata-se de uma inscrição gravada em tampa de sepultura em granito e a leitura proposta é a seguinte

[...] XX · II · OBII[t] [...] / [...] IN DIE · S(an)CTE M[arie] (?) [...]

A análise do epitáfio, feita pelo historiador, remete para o facto de se tratar de um fragmento central de uma tampa de sepultura.

A segunda epígrafe, proveniente do mosteiro do Salvador de Banho encontra-se no Museu Arqueológico de Barcelos. Trata-se de uma inscrição gravada em pia baptismal de granito, a que Mário Barroca atribuiu a data crítica de [fins séc. XII – primeira metade séc. XIII]. Segundo o mesmo historiador, pode ler-se

[...] / D(o)M(n)E MA / RIA M(e) FEC[it] (?)

Na sua interpretação, seria uma inscrição comemorativa da oferta da pia baptismal pela dita D. Maria à igreja do mosteiro, mas que se encontra mutilada.

A terceira epígrafe reporta-se também a uma inscrição gravada em tampa de sepultura de granito, a que o historiador atribuiu a data crítica de [1212-1261], abril, [14-16] ou maio, 1. Segundo o autor, pode ler-se

ERA : M : CC : 2 [...] [o]BIIT / PRIOR : MARTI[nus] [...] :
K(alendas) : MAII

E é a inscrição funerária de D. Martinho [Peres], que fora prior do mosteiro. O estado de conservação dos fragmentos da tampa da sepultura impede uma leitura mais precisa da inscrição.

Nas Inquirições de 1220, o prior do mosteiro, Paio Viegas, e outros inquiridos afirmavam que o rei não era patrono e detinha no couto uma leira da qual pagavam a



*Ruína da cabeceira.
Alçado sul*



*Ruína da cabeceira.
Alçado este*

terça. O mosteiro pagava a quarta da colheita ao rei. Os homens que habitavam fora do couto pagavam os foros devidos. O mosteiro detinha na freguesia várias searas e 14 casais. Nas Inquirições Gerais de 1258 são reiteradas as declarações anteriores e são ainda realizadas inquirições *in*

cauto monasterii de Balneo. A situação deste couto monástico era excecional pois o rei possuía nele direitos, pelo que o privilégio do cenóbio era ao nível da jurisdição.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, mandado elaborar em 1320 por D. Dinis,

com vista a receber contribuições para a Cruzada, o mosteiro de Banho foi taxado em 350 libras. No conjunto das igrejas da Terra de Aguiar de Neiva trata-se de um valor elevado, pois todas as igrejas contribuíam com valores bastante inferiores. No entanto, no que diz respeito aos mosteiros, o de Banho pagava o valor mais baixo: São Romão de Neiva pagava 450 libras, Palme 500 libras e Carvoeiro pagava 600 libras. O mosteiro de Banho apresentava alguma solidez económica pois possuía bastante património fundiário espalhado pelas freguesias limítrofes e detinha direitos de padroado, pelo menos, em três igrejas.

No entanto, ao longo do século XIV e na primeira metade do século XV, a situação económica do mosteiro foi se agravando e depauperando. A história dos seus últimos anos é relatada, em 1453, por João Fernandes, bacharel em Decretos e vigário geral da diocese de Braga, numa súplica que dirigira ao pontífice. Segundo relata João Fernandes, o estado de ruína era tal que os seus cónegos se não podiam sustentar, tendo permanecido aí apenas o prior. Após o seu falecimento, Pedro Lourenço foi confirmado comendatário de Banho. Após a morte deste, D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, decretou a extinção canónica do mosteiro, concretamente em maio de 1441, devido à extrema penúria em que se encontrava, sendo convertido em igreja paroquial. Apesar de extinto, a designação de mosteiro permaneceu em numerosa documentação e na tradição popular.

O mosteiro de São Salvador foi, posteriormente, convertido em comenda nova da Ordem de Cristo. Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), São Salvador do Banho fora avaliada no ano de 1556, rendia então 102 400 reais e o seu comendador era Fr. João Fernandes Pacheco. As Memórias Paroquiais de 1758 registam que a igreja paroquial de Banho tinha como orago o Salvador e tinha três altares: o altar-mor dedicado ao Salvador, o da parte do Evangelho a Nossa Senhora do Rosário e o da Epístola a São Sebastião. Tinha a confraria de Nossa Senhora do Rosário e "no adro tem huma ermida de Nossa Senhora da Luz".

Cerca de 1865 ou 1866 ruiu a abóboda da capela-mor "produzindo memorável estrondo, sentido nas povoações vizinhas", nas palavras do Pe. Bernardino dos Santos Portela.

Do mosteiro de São Salvador de Banho resta hoje uma pequíssima parte, em ruína. A planta do que prevalece não difere muito daquela que Mário Barroca descreveu em 1982. Trata-se do terço terminal da abside, correspondente, portanto ao alçado este da igreja. A cabeceira seria semicircular, em ambas as faces. No exterior persistem os arranques de dois contrafortes de ressalto, que nos informam

que a mesma seria abobadada. Neste alçado corre, a meia altura, um friso boleado sobre o qual assentam três frestas. A central, ou seja, aquela que se rasga entre os arranques dos contrafortes, conserva ainda a sua configuração original praticamente intacta, permitindo-nos adivinhar a qualidade do estaleiro da primitiva igreja, hoje desaparecida. A estreita fresta é envolvida por duas arquivoltas, cujas aduelas são ornadas com motivos florais, biselados, que ocupam a quase totalidade do campo da aduela. O arco envolvente é rematado por toro e este assenta sobre a imposta de ressalto que, por sua vez, se prolongaria pelo pano do muro, nobilitando-o. Às duas arquivoltas correspondem dois colunelos com respetivos capitéis, onde se identifica uma escultura túrgida de motivos vegetalistas. Carlos Alberto Ferreira de Almeida nota o carácter tardio dos mesmos por serem bastante lisos, não terem volutas e serem decorados com cabeças. Das outras frestas restam os arranques a norte, vestígios significantes do investimento posto pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho na conceção desta fábrica. A sul, a fresta foi alargada durante a época moderna tendo, portanto, sido transformada numa janela retangular, como ainda hoje se vê.

No interior da ruína podemos observar um arranjo murário idêntico ao exterior. Pelo facto de estarmos diante de uma ruína é possível compreendermos a dinâmica do panejamento pseudo-isódomo que enformava a igreja. Assim, compõe-se este de dois muros, com aparelho bem esquadriado, com seu enchimento. Em 1982, Mário Barroca conseguiu ver aqui vestígios de pintura a fresco, confirmando que esta cabeceira foi decorada, tal como era prática em finais da idade média.

No espaço interno da ruína vemos, ainda hoje, diversas peças avulsas. Atendendo à difícil leitura devido à forte presença de vegetação, citemos aquelas que Mário Barroca identificou em 1982 e que considera procedentes da fábrica da igreja românica ou coevos desta: uma arca funerária com cruz gravada nas faces das extremidades, posteriormente adaptada a pia ou tanque; seis aduelas decoradas com motivos vegetais, que denomina de sexafólio, idênticas às das aduelas internas e externas da fresta fundeira da abside; um fragmento de fuste de coluna, liso; dois fragmentos de secção cruciforme com bolas nos vértices e que julga pertencerem à cruz terminal da fachada oeste e dois fragmentos de lajes sepulcrais que julga serem da mesma lápide e que, como vimos, identificou como sendo a tumular de D. Martinho [Peres].

Da igreja remanescem ainda estruturas murárias junto à estrada que contorna o espaço do antigo mosteiro. Não podemos precisar se esta estrutura corresponde ao alinhamento da fachada ou da primitiva galilé, de que adiante



*Perspetiva geral da
ruína da cabeceira*

Ruína da cabeceira. Alçado este. Fresta



Ruína da cabeceira. Perspetiva a partir de oeste. Fresta



daremos nota. Convém notar a qualidade do aparelho, bem esquadriado, apesar dos evidentes aproveitamentos que se conseguem identificar. O muro é quebrado, permitindo o acesso ao interior do campo agrícola onde hoje se encontra a ruína. No lado sul desta abertura vê-se o arranque de um arco.

A julgar pelos vestígios remanescentes podemos comprovar que a igreja do primitivo mosteiro de Banho era, de facto, um edifício com uma escala importante. Apesar de ter tido uma só nave, a qualidade do aparelho que ainda persiste no local e o arranjo dado à cabeceira permitem confirmá-lo. Assim, podemos dizer com segurança que a igreja estava orientada, tinha uma só nave e com cobertura de madeira e cabeceira semicircular, abobadada. E muito embora tenha ruído em meados do século XIX, autores como Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Mário Barroca, têm chamado a atenção para a descrição exaustiva que Teotónio da Fonseca faz em 1948 na sua monografia sobre o concelho de Barcelos. Terá este autor seguido as descrições de quem conheceu e visitou este edifício nos anos de 1870 e 1871. A julgar pela veracidade do testemunho, podemos dizer que a fachada oeste apresentaria uma estrutura turriforme, por terminar em empena reta. Diante da fachada existiria uma galilé, abobadada e que apresentava a mesma altura que a nave da igreja. Poderá a estrutura murária junto à estrada corresponder à base desta estrutura? Existiria sobre esta galilé um coro alto, iluminado por estreita fresta (possivelmente rasgada sobre o portal), a que se acedia por escada intermural e dotado com cobertura em madeira, que se prolongaria pela nave. De acordo com a testemunha que conheceu o edifício no início da década de 1870, era na parte inferior deste espaço, com abóbada sustentada por colunas «cujos capitéis representavam abutres, águias e feras devorando crianças», que estava a pia batismal. Para Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a pia batismal seria arcaica e muito larga, própria para o rito da imersão de crianças que na igreja bracarense se terá conservado até bastante tarde. O testemunho publicado por Teotónio da Fonseca permite ajuizar sobre a estrutura do portal oeste, que se comporia com seis arquivoltas, historiadas ou decoradas, e correspondentes colunelos. Estaria ainda dotado de tímpano, talvez com a representação do *Agnus Dei*. A norte haveria um outro portal, com estrutura idêntica, ostentando uma cruz e outros motivos no tímpano. No lado sul da igreja desenvolver-se-iam as estruturas monásticas.

De relevar a presença do corpo avançado, turriforme, composto por galilé abobadada e coro alto. Este tipo de estruturas é comum nas igrejas dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e podemos estar diante de uma solução

arquitetónica filiada em Santa Cruz de Coimbra, principal mosteiro Regrante no nosso país fundado em 1132. Claro que a igreja do mosteiro de Banho teria uma outra escala, mais reduzida, porque tinha uma abside e nave única. Contudo, a largura da sua nave permitiu que tivesse existido um altar de cada lado do arco triunfal. Concordamos com Carlos Alberto Ferreira de Almeida quando este sublinha que a decoração de capitéis, a solução arquitetónica das frestas e das arquivoltas e outros aspetos ornamentais nada têm a ver com o templo coimbrão, sendo antes originários da área Rates-Braga, tais como os animais afrontados na esquina do capitel de cuja boca pende homem ou animal. Independentemente destas possíveis filiações artísticas, a verdade é que a referência a este mosteiro identificada num diploma pontifício do papa Calisto II, de 1120, confirma a sua importância e poderá justificar o investimento feito ao nível da sua fábrica.

O templo ruiu em 1865 ou 1866 e, atualmente, apenas se conserva parte da cabeceira da igreja onde se podem identificar alguns dos elementos românicos do edifício e um panejamento que poderá corresponder ao alinhamento da fachada oeste da igreja. Sabemos que a atual igreja de Vila Cova foi quase toda reconstruída em 1887 com pedra vinda de Banho e que a sobrança foi ainda reaproveitada na reconstrução da igreja Matriz de Barcelos, o que confirma a qualidade do estaleiro de São Salvador de Banho. O Museu de Barcelos guarda, ainda, algumas pedras decoradas procedentes deste mosteiro, de que Mário Barroca destaca um capitel visigótico de pilastra que cumpriu as funções de pia de água benta, um fragmento românico com a representação do *Agnus Dei*, entre outros vestígios. Atendendo ao que prevalece da igreja do Mosteiro de Banho, in loco ou em contexto museológico, a edificação românica deverá datar da primeira metade do século XIII.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, pp. 193-196; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 99; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 176 (de [1184-1234]); Insc. n.º 212 (de [fins século XII - primeira metade século XIII]); Insc. n.º 269 (de [1212-1261], abril, [14-16] ou maio, 1); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 200 (de [1184-1234]); Insc. n.º 241 (de [fins século XII - primeira metade século XIII]); BARROCA, M.J. et alii, 1982; BOISSELLIER, S., 2012, p. 138; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 4; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 184 e 334; FERNANDES, A.G., 2011, pp. 126-130, 412-413 e 597; FONSECA, T., 1948, I, pp. 415-416; CEPB, 1935-60, 35, pp. 409-410; LENCART, J., 2018, p. 440; MARQUES, J., 1988, pp. 618, 726-728; MEM. PAROQ. 1758 (2003), p. 79; PMH, INQ., pp. 29, 108, 184, 230 (de 1220) e p. 315 (de 1258); PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SIPA; SOUSA, B.V., 2016, pp. 204-205.

